

AZULEJOS DO PALÁCIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Marisa Hoirisch (*); Rosana P.M. Najjar (**); Rosina Trevisan M. Ribeiro (***);
(*) mestranda do PROARQ/FAU/UFRJ, (**)D. Sc, Pesquisadora do PROARQ/FAU/UFRJ
(***) D. Sc, Professora do PROARQ/FAU/UFRJ.

Introdução

O monumento arquitetônico em estilo neoclássico situado na Avenida Pasteur nº 250, no Rio de Janeiro pertence desde 1948 à Universidade Federal do Rio de Janeiro e é denominado Palácio Universitário (Fig.1). Foi construído entre 1842 e 1852, para sediar o Hospício Dom Pedro II, celebrando a maioridade do monarca.

Ocupando 11 mil metros quadrados de área coberta, a mais destacada construção do Campus da Praia Vermelha hoje abriga o Fórum de Ciência e Cultura, uma decania, o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e cinco unidades de ensino superior, a saber: a Faculdade de Educação, Instituto de Economia, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Escola de Comunicação e parte da Escola de Educação Física e Desportos.

Parte de suas paredes apresenta conjuntos azulejados com marcas de deterioração. O presente trabalho teve como objetivo identificar os aspectos estilísticos da azulejaria que revestem parte das paredes, escada e fonte da edificação histórica, inserindo-a no cenário dos conjuntos azulejados do século XIX. Além disso, estuda a técnica adotada na fabricação das peças cerâmicas para sugerir um método de conservação no monumento histórico tombado desde 1972 pelo IPHAN.



Fig.1 – Fachada do Palácio Universitário da UFRJ.
Foto: Bira Soares, 1999.

Histórico da produção dos Azulejos

As formas de produção de azulejo revelam o produto da sociedade em que se inseriram ao longo dos séculos. A coincidência histórica da ocupação sistemática do Brasil com a afirmação em Portugal do gosto pela decoração cerâmica permite estabelecer um estudo paralelo dos aspectos técnicos e iconográficos da azulejaria nos dois países.

A chegada dos árabes à Península Ibérica introduziu os azulejos na Europa no século VI. No

mesmo século houve a expansão para Espanha, Portugal e Holanda e o aperfeiçoamento das técnicas de fabricação do azulejo. Figuras humanas, animais e flores são os temas introduzidos na decoração de azulejos de tais povos.

No século XII e XIV surge a técnica do alicatado – composição cerâmica constituída por justaposição de fragmentos geométricos, a partir do corte de placas vidradas de diferentes cores, obedecendo a esquemas preestabelecidos.

Nos séculos XV e XVI Sevilha, Málaga e Toledo se firmam como centros produtores de azulejos de aresta, consistindo em aplicar um molde de madeira ou metal, imprimindo o desenho no barro cru, deixando relevos, arestas e permitindo separar os esmaltes coloridos sem recorrer ao contorno pintado.

No final do século XV destaca-se a técnica hispano-mourisca da corda seca – gravação em placa cerâmica ainda úmida do desenho. A ranhura obtida era preenchida por gordura, em geral, óleo de linhaça com óxido de manganês. Os esmaltes não mais se misturavam, durante a cozedura. Inspirados pelo Renascimento, desenhos de influência italiana marcam a técnica majólica definida pela cobertura do corpo cerâmico com esmalte de estanho branco, preparando a superfície para receber a decoração pintada; esta base impedia a mistura das cores durante a cozedura. Portugal dá início às suas primeiras produções, com a importação do azulejo de caixilho: lisos de uma única cor, para construções mais modestas.

No Brasil, os azulejos eram do tipo tapete, tricolores: amarelo azul e branco, ornamentação geométrica e temas florais estilizados, técnica majólica. Nesse período, havia os de origem espanhola, holandesa, alemã e francesa e os em azul e branco, produzidos exclusivamente por Portugal.

Com o grande desenvolvimento do centro cerâmico de Lisboa deu-se o declínio da influência da Espanha no século XVII. Com o maneirismo desponta a riqueza cromática, predomina o branco de estanho, azul de cobalto, verde de cobre e amarelo de antimônio ou ferro. A chegada da porcelana chinesa restringe a branco e azul as cores.

Em meados do século XVIII Portugal firma-se como um grande produtor de azulejos. No Brasil, a azulejaria amenizava o clima tropical, decorando fachadas; predominavam o azul e branco e motivos com cenas de caça, quotidiano, mitológicas, bíblicas e representações do tipo tapete.

O século XVIII teve o barroco, com grandes pinturas em painéis azul e branco. A seguir, as “figuras de convite”, representando criados e personagens dispostos em gestuais típicos de receber visitantes. Entre 1755 e 1780 deu-se a gênese da produção de

azulejos em série, com motivos simples e o ressurgimento de diversas cores em painéis.

No Brasil houve um retorno aos painéis ornamentais, com azulejos de grinaldas em flores, elementos lineares em policromia: amarelo, branco e azul. Surge o azulejo estampilhado de produção semi-industrial, retornando à arte do azulejo tipo tapete ornamental.

Características dos azulejos do século XIX

Os azulejos do século XIX são historiados, seguindo o romantismo e o ecletismo. É o século do início do revestimento de fachadas no Brasil. As composições apresentavam-se na maioria das vezes em azul e branco. Entre os azulejos franceses e portugueses encontra-se o azul, branco e amarelo. O roxo claro é uma de suas variantes.

No desenho dos azulejos do período encontramos freqüentemente formas geométricas e vegetais estilizados, baseados em quadriláteros, octógonos de lados retos ou ainda retos e côncavos, alternados. É comum a utilização da diagonal no traçado regulador do desenho.

O pensamento de Mário Barata (1955) é complementar: a lei da diagonalidade vem do período colonial, mas cresce com os padrões geometrizados do século dezanove. Círculos entrelaçados ou se tangenciando, diagonais cruzadas, polígonos e gregas ou ondas nas cercaduras. São freqüentes os temas florais estilizados ou geométricos; neste período o azulejo como arte se liga ao tapete ornamental.

As cerâmicas de produção semi-industrial se desenvolvem ao mesmo tempo em que se percebe a perda gradativa das qualidades de desenho, composição e originalidade dos azulejos de figuras em azul e branco. Mesmo estampilhados, de produção semi-industrial, os azulejos do período revelam uma beleza de grande efeito, sobretudo quando vistos em conjunto: com valorosas linhas e cores.

O Palácio Universitário é destacado por Mário Barata (1955) entre os edifícios monumentais de revestimentos de azulejos do século XIX.

Os azulejos no século XIX e a arquitetura

No século XIX o azulejo no monumento arquitetônico, em seu aspecto material, protegia as paredes das águas, da umidade e do atrito, com uso em rodapés e barras, garantindo o seu asseio. Além disso, bloqueava a infestação de insetos, típica do clima.

A presença de portugueses no Brasil colônia trouxe um nível de exigência alto do mais fino gosto com relação a azulejaria, à disposição da aristocracia e também das massas, que podiam admirá-los em locais públicos.

De acordo com Santos Simões (1965, p.36), foram os construtores brasileiros os primeiros a fazerem uso de azulejos nas fachadas, numa tentativa de proteger as edificações da ação inclemente do clima quente e úmido do Brasil e os conseqüentes problemas de conservação e impermeabilização. Para decorar fachadas e interiores, o Brasil importou de Portugal azulejos decorativos e artísticos, hoje parte significativa de seu patrimônio.

Graças aos brasileiros regressados a Portugal, os prédios urbanos portugueses novos e antigos buscam esse revestimento. Verifica-se assim, o incremento da importância do uso da azulejaria no Brasil e, por reflexo, nas fachadas portuguesas.

De acordo com Mário Barata (1955 p. 226-227), os edifícios do Rio de Janeiro que empregaram maior quantidade de azulejos portugueses de padrão, dos meados do século XIX foram a Santa Casa da Misericórdia e o Hospício Pedro II, na Praia Vermelha. Ambos foram construídos pelos mesmos arquitetos.

O início da construção do antigo Hospício Dom Pedro II coincide praticamente com os primórdios do azulejamento de fachadas em São Luis do Maranhão. É Dora Alcântara (1980, p.19) quem nos informa que naquela capital, em janeiro de 1843 se deu a mais antiga notícia de venda de azulejos em cores do Brasil.

Referindo-se às barras de azulejos azuis e brancas do monumento em pauta, Paulo Santos (1981, p.60) não oculta seu deslumbramento: “[...] introduzem, no desdobramento austero das lindíssimas galerias, uma nota alegre e fresca”. (SANTOS, 1981, p.60).

As circulações e algumas salas do Palácio Universitário apresentam-se com painéis cerâmicos que se destacam nas suas paredes caiadas, a meia-altura e constituem um aspecto estilístico indissociável deste monumento arquitetônico (Fig.2).



Fig. 2 – Circulação do Fórum de Ciência e Cultura, foto de Bira Soares, 1999.

Tipologia de azulejos do Palácio Universitário

No estudo dos azulejos do Palácio Universitário fez-se uso de dois tipos de fontes históricas: testemunho da evolução e uso da edificação, o próprio conjunto azulejado foi a fonte primária das informações e base para nossa investigação. Os documentos escritos e iconográficos constituíram as fontes secundárias de nossa pesquisa.

Em nosso levantamento registramos sete padrões diferentes de azulejos utilizados no revestimento de paredes de alvenaria do prédio histórico. Para Valladares (1978) os azulejos estampilhados das galerias do Palácio Universitário teriam sido fabricados na Holanda e exportados para o Brasil e Portugal.

A pesquisa que aqui apresentamos revelou, no entanto que os azulejos do prédio em pauta restringem-se a duas origens: franceses e portugueses.

Azulejos franceses

Os quatro padrões de azulejos identificados na iconografia exibida por Mário Barata (1955) como franceses são da segunda metade do século XIX, têm 11 x 11cm de lado e são encontrados no pátio interno da Escola de Comunicação.

Os azulejos franceses se diferenciavam dos demais da segunda metade do século XIX pelos motivos compostos por pontos, traços, pequenos arabescos, círculos ou curvas. A razão dessa opção decorativa era a possibilidade do uso da estampilha, sem retoques manuais, o que se tornava dispensável, por exemplo, no gênero dos padrões adotados pelos azulejos portugueses. (Alcantara, 1997. In www.fec.unicamp.br/renatabp/azulejaria.htm).

Azulejo a: O tema meandro, geralmente constituído por decoração em faixa, linhas sinuosas e serpenteantes, aqui surge nas cores azul e branca, podendo ser visto na cercadura do painel cerâmico que está em destaque na fig.3, reveste a face externa da fonte figura 4. O mesmo azulejo está também na decoração de muitos conjuntos azulejados da Bahia, segundo nos informa Udo Knoff (1986), ao mesmo tempo que expõe (1986) um padrão idêntico ao deste monumento.



Fig. 3 – Azulejos a: destaque da cercadura, 2005.



Figura 4 - Azulejos na fonte do pátio da Escola de Comunicação do Palácio Universitário, 2005.

Azulejo b: Outro azulejo que reveste a face externa da fonte da figura 4 é branco, azul e roxo claro e é marcado por círculos pontilhados e ornatos florais em forma de “X”. Em destaque na figura 5.



Figura 5 - Azulejos b, face externa da fonte, 2005.

Azulejo c: O terceiro padrão de azulejo reveste a face interna da alvenaria da fonte, figuras 6 e 7. Apresenta um motivo de pétalas de flores na cor roxo, circundado por dupla moldura sinuosa em traço e ponto, cor azul.



Figura 6 – Azulejos da face interna da fonte, Escola de Comunicação, 2005.



Figura 7 – Azulejos c: Em destaque, azulejo da fonte, 2005.

Azulejo d: O azulejo d é marcado pela diagonalidade de seu conjunto floral e pelos losangos de seus vazios, em azul e branco, revestindo parte da escadaria do pátio da Escola de Comunicação, de gneisse bege, característico do estilo neoclássico, figura 8 e 9.



Figura 8 – Azulejos d: reveste a escada da Fig. 9, aqui em destaque, 2005.



Figura 9 – Painel da escada do pátio da Escola de Comunicação, 2005.

Azulejos portugueses

Há no Palácio Universitário três azulejos descritos como portugueses, segundo Mário Barata (1955). São do norte de Portugal, da segunda metade do século XIX; a cercadura e o azulejo de padrão foram decorados com a técnica da estampilha. Têm 13 x 13 cm de lado, variando até 13,5 x 13,5cm. Não encontramos nenhuma peça solta para análise do tardo. Por isso, não se pode identificar a fábrica que os produziu.

De acordo com a análise realizada a partir de registro fotográfico por João Pedro Monteiro, responsável pelo Departamento de Investigação do Museu Nacional do Azulejo em Portugal, este tipo de azulejo foi usado para interiores, como é o caso, e também para fachadas; ele afirma ser muito provável terem sido fabricados em Carvalhinho, no Porto ou Devezas em Vila Nova de Gaia:

Azulejo e: Este azulejo pode ser visto em cercaduras e contém motivos de gregas e ramagens. Os painéis da figura 8 valorizam as paredes caiadas, rompendo a monotonia do branco, revestem as paredes até 1,99m, a partir do piso de três salas de professores e pesquisadores do Instituto de Economia, primeiro pavimento (Figuras 10, 11 e 12).

A cercadura da figura 10, também está nas circulações do Fórum de Ciência e Cultura, Faculdade de Educação, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Instituto de Economia (figura 13), a partir do rodapé de madeira ou cantaria do primeiro e segundo pavimento e também é encontrada no Pará.



Figura 10 – Azulejos e da cercadura dos painéis, 2005.



Figura 11 – Paredes internas revestidas de azulejos em sala de professores, 2005.

Azulejo f: Têm cor azul e branca e seu tema combina o geométrico com ornato. Knoff (1986) apresenta uma variação holandesa do mesmo tema na figura 12, aqui reproduzida; pode-se compará-lo com o azulejo do Palácio Universitário.



Fig 12 – À esquerda, desenho extraído de Azulejos da Bahia e à direita, azulejo f do Instituto de Economia.

Azulejo g: Os azulejos da figura 12 já se constituem em elementos não dissociados da linguagem estética do Palácio Universitário. O azulejo padrão tem com ornatos florais, de repetição de quatro azulejos, com unidade decorativa. Em destaque na figura 13.



Figura 13 – Circulação com painéis azulejados, Instituto de Economia, Palácio Universitário, 2005.



Figura 14 – Azulejo g padrão das circulações, 2005.

Conservação e Restauração de Azulejos

Os principais fatores que contribuem para a degradação dos patrimônios azulejados são:

- Externos: clima, com variações de temperatura, radiações do sol, chuvas, maresia, ventos e umidade.
- Biológicos: animais, insetos, fezes, fungos, pragas urbanas.
- Desastres naturais: inundações, terremotos, incêndios.
- Poluição atmosférica.
- Vandalismo.

Os procedimentos recomendados na conservação e restauração de azulejos devem incluir a avaliação dos problemas e estudo de intervenção apropriada. Para tal, é fundamental a documentação, com registro gráfico e fotográfico, antes, durante e depois do tratamento, mapeamento de danos, identificação de cada peça, procedência, identificação de fábrica e outras análises visuais. Só então, se inicia o tratamento:

A limpeza deve ser feita por processos mecânicos, com bisturis ou pincéis, bem como químicos, com solventes.

O faceamento é realizado para evitar novas fraturas ou destacamento do vidrado, quando o conjunto cerâmico se apresenta em mau estado. Cola-se à superfície de todo o vidrado um material inerte. A consolidação é feita com Paraloid B72 diluída em acetona pura a 4%. Pincela-se e depois da colocação de gaze, outra aplicação do produto para fixar.

Deverão ser numeradas as peças, com identificação das mesmas e de seus respectivos fragmentos. Inicia-se a remoção e limpeza de argamassas antigas.

A etapa seguinte inclui a coleta de material para análise de fungos e sais e a seguir, a aplicação de pesticida, após avaliação do tipo de microorganismo encontrado.

É avaliada a resistência a vibrações, antes de fazer a opção pela remoção, que seria a retirada total ou parcial dos azulejos do seu suporte.

Em seguida, a limpeza da chacota é realizada com espátulas ou bisturis adequados.

A descolagem de fraturas é feita com solvente para retirada de excesso de cola, efetuando-se nova colagem. Havendo fratura no painel, deve-se limpar as partes quebradas e colar novamente.

É feita a dessalinização, isto é, a remoção de sais do azulejo. Deve-se imergir a peça em água destilada com trocas diárias da água ou com um elemento que neutralize o sal, associado à água.

O preenchimento das lacunas se dá com argamassa fina à base de cal e sílica. No caso de azulejos fixos em paredes de alvenarias, o preenchimento deverá ser feito com pigmentos inorgânicos compatíveis com a argamassa em uso.

A manufatura só deve ser feita, com a técnica similar de produção, quando a perda de corpo vítreo for da ordem de 60%.

O assentamento e rejuntamento se obtêm com argamassa de cal e areia.

Na reintegração deve-se optar pela neutra, sem interferência na leitura do painel ou cromática, com posterior proteção com nitrocelulose e terebentina a 5% ou Paraloid B72 a 4%.

Resultados

A pesquisa possibilitou a classificação, tipologia e procedência dos azulejos do Palácio Universitário, que pela confrontação com a iconografia pesquisada constituíram fundamental fonte primária, complementada por consultas e entrevistas pela Internet ao Museu Nacional do Azulejo em Lisboa, que se revelaram fundamentais, já que não se dispunha de qualquer azulejo solto para a análise do tardoz.

Além disso, a partir análise visual e da observação cotidiana dos aspectos físicos do prédio, pôde-se analisar e identificar as origens específicas das patologias existentes nos painéis cerâmicos deste que é um dos mais destacados exemplares da arquitetura neoclássica brasileira. O estudo apontou os fatores que conduziram à sua degradação.

Agregou-se a isto a verificação de alguns procedimentos de conservação e restauro e sua aplicação nos azulejos do Palácio Universitário.

Este trabalho traz em seu bojo um alerta para os danos que vêm ocorrendo nos azulejos e em seus suportes no Palácio e, ao mesmo tempo, apresenta dados técnicos que possibilitarão nortear projetos de preservação de conjuntos azulejados para esta edificação, podendo ser estudada a sua adoção para outros bens culturais de semelhante valor histórico e artístico.

Conclusões

As circulações do Palácio Universitário são revestidas por azulejos em condições heterogêneas. Podem ser encontrados azulejos quebrados, “craquelados” ou não originais.

Os painéis de azulejos do Palácio Universitário já sofreram ao menos uma restauração em 1948, quando o prédio foi destinado à UFRJ. A Fig. 14 expõe o aspecto de uma das galerias anterior à citada obra. As instalações foram assim encontradas pela instituição. Seus conjuntos cerâmicos apresentavam relevantes marcas de destruição, seja por aumentos de carga ou por infiltração oriunda de defeitos ou má conservação em sua cobertura. Nesta área hoje está instalado o Instituto de Economia.

É sabido que a situação do telhado do Palácio demanda uma reforma urgente, já que, vem ocasionando infiltrações que atingem, não raro, as paredes de alvenaria de pedra. A permeabilidade referida traz danos à argamassa de fixação dos

conjuntos azulejares, que, aliada à ação de ventos e maresia, podem estar ocasionando sua desagregação ou até propiciando o descolamento gradual dos elementos cerâmicos. Assim, qualquer projeto criterioso de restauração de azulejos no prédio deve contemplar uma reforma anterior em sua cobertura.



Fig. 15 – Galeria do antigo Hospício Dom Pedro II apresentando estado de degradação dos azulejos, 1947. Fonte: Calmon (2002).

O estudo dos azulejos do Palácio Universitário, sua forma de produção e seus padrões representam apenas uma parte do campo de pesquisa contido na arqueologia histórica. Em qualquer obra de conservação de azulejos deve ser prevista a formação de uma equipe multidisciplinar, para elaborar um projeto, contendo o registro documental da situação encontrada, propostas de intervenção, que serão fundamentadas a partir de experiências em outros conjuntos azulejados, mas, principalmente, tomando-se em consideração as causas de sua deterioração.

No Palácio Universitário a degradação de azulejos está vinculada também à maresia, umidade, fungos, poluição atmosférica, devido ao trânsito intenso na área e vandalismo, pela fixação de quadros murais e instalações de tomadas elétricas.

Para se propor um procedimento de restauração para o Palácio Universitário é imperativo considerar o estudo da durabilidade do azulejo e seu respectivo suporte diante das ações deletérias, pois os fatores que conduzem à degradação do patrimônio podem também afetar o conjunto já restaurado.



Fig.16 – Painel azulejado degradado no Palácio Universitário. 2005.

Referências

ALCÂNTARA, Dora de. Azulejos portugueses em São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Fontana, **1980**.

BARATA Mário. Azulejos no Brasil Séculos XVII XVIII e XIX. Tese apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil para o concurso de professor catedrático de História da Arte. Rio de Janeiro, **1955**.

BRAGA, Márcia. Conservação e restauro. Rio de Janeiro: Editora Rio, **2003**.

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. São Paulo: Atelier Editorial, **2004**.

CALMON, Pedro. O Palácio da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, **2002**.

CZAJKOWSKI, Jorge, (org.) et alii, Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, **2000**.

KNOFF, Udo. Azulejos da Bahia. Rio de Janeiro: Kosmos, **1986**.

MENESES, Ulpiano Bezerra de Menezes. Natureza da Arqueologia e do Documento Arqueológico – Problemas Gerais da Arqueologia Brasileira, Universidade de São Paulo, FAU. São Paulo: IPHAN.

NAJJAR, Rosana, Arqueologia Crítica e Arqueologia Histórica: um diálogo fértil, Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE/USP. São Paulo, **1999**.

SANTOS, Paulo F. Quatro Séculos de Arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, **1981**.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. Azulejaria Portuguesa no Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, **1965**.

ZARANKIN, Andrés, Sed non Satiata, Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporânea. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, **1997**.

-
<http://150.185.66.1/Publicaciones/ComunicacionVisual/Site/pages/glosario/html>
www.institutocamoes.pt

www.mnazulejo-ipmuseus.pt

www.fec.unicamp.br/renatabp/azulejaria.htm

www.mnazulejo-ipmuseus.pt

Nota: Todas os registros fotográficos, com exceção das Figs.1, 2 e 15 foram feitos por Marisa Hoirisch.

E-Mails dos Autores

marisahoirisch@globocom.com

rosananajjar@gmail.com

rosinatrevisan@superig.com.br